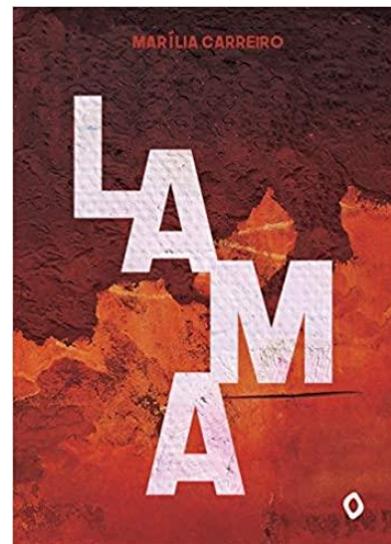


CARREIRO, Marília. *Lama*. Vitória: Pedregulho, 2019.

Maria Eduarda Pecly*



Marília Carreiro, natural do estado do Espírito Santo, é escritora e autora de *AmorS e outros contos* e *Opala negra*, ambos publicados em 2013. No final de 2019, lançou *Lama*, um livro de contos sobre o qual me debruçarei aqui.

Recorrentes na literatura produzida no pós-guerra do século XX – o Holocausto, a Guerra Fria e, posteriormente, as ditaduras militares na América Latina financiadas pelo bloco capitalista da última guerra – os temas sobre violência, testemunho, política e sociedade têm custado caro às artes e aos artistas do

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Brasil do século XXI, mais precisamente, deste atual cenário político perverso. Esses temas caros à literatura nacional têm sido violentamente reprimidos e censurados pelo governo federal por razões óbvias de um saudosista da ditadura militar que hoje é chefe de Estado.

Há quem diga que o Brasil pouco se preocupa com a violência na ficção em comparação aos nossos vizinhos Argentina e Chile, por exemplo. Ouso em discordar deles nesse quesito, pelo menos no que tange à literatura produzida após os anos 90, época de muito fervor do neoliberalismo e de suas consequências brutais. Já a partir dos anos 2000, começam a reaparecer autores resgatando as memórias da ditadura militar na ficção, como Bernardo Kucinski, Luciana Hidalgo, Julián Fuks, Marcelo Rubens Paiva e mais outros tantos.

Junto a essas memórias e aos cenários de violência atuais, também nascem os personagens fragmentados, deslocados no tempo e no espaço, contrariando o sujeito cartesiano inserido na ficção clássica e na exaltação do belo no campo das artes literárias. E é esse sujeito experimentalista de linguagem não-linear que perpassa pelos vinte contos de *Lama*.

No primeiro conto, intitulado “Fofoca”, uma personagem-narradora, que é vigia de um parque, narra sobre um episódio que marcou o seu local de trabalho: o encontro de dois corpos que estavam enterrados no parque. O fato intrigante e macabro não parece assustar a vigia, uma vez que sua apatia e frieza fazem com que os corpos desovados fossem apenas mais um assunto banal do seu dia a dia. A própria narradora comenta que “a polícia precisa de testemunhas. E eu, de dinheiro” (CARREIRO, 2019, p. 15), relativizando a violência e a presença de dois cadáveres num parque onde costumam brincar muitas crianças.

O segundo conto, homônimo ao título do livro, pareceu-me um delírio de uma agente de saúde que visita uma cidade esquecida a fim de verificar como estava a higiene e o saneamento da comunidade. Ao chegar numa casa de difícil acesso, a agente encontra uma menina que afundava e boiava na lama enquanto corria. Um mês depois, a agente retorna à casa e não encontra nem a menina, nem a

mãe – esta fora vítima de um infarto. O conto “Lama” atua como dispositivo ficcional que exerce uma função crítica em relação ao crime ambiental de rompimento de barragens ocorrido em algumas regiões de Minas Gerais. A menina que a agente viu no início da narrativa provavelmente já estava morta após a devastação da lama e sua mãe não soube lidar com a ausência e morreu um mês depois. Marília Carreiro convoca o leitor a uma reflexão crítica sobre as empresas responsáveis pelo crime que deixou centenas de vidas sucumbirem à lama sem perder o olhar poético e sensível diante da barbárie.

Aliás, a capa do livro da primeira edição pela editora Pedregulho já indica pistas a respeito dos vinte contos presentes. Os tons de vermelho e preto retratam o sangue de milhares de pessoas mortas pela Vale com o rompimento das barragens em cidades de Minas Gerais. Além disso, as manchas em vermelho e preto fazem alusão a uma topografia vista de cima. Nesse sentido, nós leitores somos os que veem a barbárie e o insólito de cima.

Todos os contos misteriosos sobre a morte e seus infinitos sentidos têm como protagonistas mulheres. E são mulheres de todos os tipos: agente de saúde, agente de segurança, transsexual, jovem, sádica, enfermeira, herdeira, cristã etc. Todas essas mulheres, de alguma forma, têm papéis de potência em suas narrativas, seja por exercerem cargos profissionais designados usualmente a homens, seja por serem resistência em meio à violência urbana. Ao promover o protagonismo feminino em diversas formas em suas narrativas, Carreiro rompe com a lógica religiosa cujos papéis são estáticos para homens e para mulheres, determinando, portanto, uma sociedade baseada em privilégios masculinos. Dar visibilidade para as agentes de saúde e de segurança, para Augusta, para Soninha e para tantas outras protagonistas mulheres põe em xeque valores patriarcais que criticam e demonizam o feminismo, uma vez que o movimento de mulheres que luta pela igualdade de gênero quebra com todos os poderes de dominação masculina enraizados na sociedade desde tempos imemoriais.

Como citado anteriormente, o protagonismo feminino é evidenciado em quase todos os contos de Marília Carreiro. No entanto, essas mulheres aparecem em

momentos caóticos e violentos, e esse caos, por sua vez, possui uma linguagem com humor ácido e refinado, como é o caso do conto “Amparo das descontentas”. Soninha é uma fiel religiosa cujos preceitos eram rigorosamente realizados a mando do pastor de sua igreja. Tudo o que o pastor mandava Soninha fazia, inclusive praticar adultério com o próprio ministro. Após a primeira vez, Soninha passou a liderar um grupo de mulheres da igreja, falando coisas com as quais não concordava mais. Tudo o que fugia dos ensinamentos religiosos tinha consequências punitivas, exceto o sexo sujo e implícito que Soninha praticava com o pastor, uma vez que este era bem próximo de Deus e que o perdão era fácil de ser alcançado. Não aguentando mais guardar esse segredo, a protagonista revelou o que estava acontecendo para uma amiga que lhe confessou que as duas estavam na mesma situação.

O conto citado acima possui toques de humor inteligente e faz uma crítica aos fanáticos religiosos da nossa sociedade que julgam e recriminam a vida alheia, mas que praticam atos tão profanos – ou piores – que todo mundo que é julgado.

Combinavam antes dos sermões e reuniões e recebia o perdão do pastor logo após o ato. Ele tinha tanto poder do perdão que perdoava a si mesmo sempre. E disso não passava. Soninha foi ficando cansada da cerimônia, das promessas e dos mandamentos. Confessou a uma amiga do círculo o que estava acontecendo e ficou sabendo que as duas estavam na mesma situação. Ligou para o amante, marcou um encontro. E foi, linda, para, num só golpe, cortar o mal pela raiz (CARREIRO, 2019, p. 38).

Boa parte dessa parcela de fanáticos religiosos estão hoje no Congresso brasileiro ou ocupando cargos em ministérios. Soninha é uma figura metonímica dessa gente. Soninha também pode ser uma metáfora da atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo de Jair Bolsonaro.

A crítica humorística feita por Marília Carreiro perpassa todos os contos presentes em *Lama*, sobretudo nos contos em que a morte e a violência aparecem como um fato corriqueiro e sórdido. As ficções criadas pela escritora capixaba entrosam bem a estética de uma narração fragmentada no tempo e no espaço com a ética

na medida em que a autora provoca a reflexão sobre questões políticas de crime ambiental e social, além de dar o corpo e forma às mulheres cisgêneros e transsexual, como é o caso da personagem Augusta que aparece em “Biotipo” e em “Família”.

Nesse sentido, *Lama* dá continuidade ao tema da violência e da política na literatura nacional, mas, agora, colocando o leitor frente a frente com a banalização da morte, tornando protagonistas grupos identitários oprimidos pela sociedade. Além disso, no conto homônimo do livro, Marília Carreiro exerce um papel ético fundamental: de se posicionar e de se tornar porta-voz daqueles que tiveram suas vidas ceifadas pela ganância de empresários no maior crime ambiental da história do Brasil. *Lama* é o que sobra. E o que sobra é a humanidade na forma mais perversa, sórdida e deformada.

Recebida em: 28 de fevereiro de 2020.
Aprovada em: 10 de maio de 2020.